



PRESENÇA DE CORAÇÃO

HOMILIA NO DIA MUNDIAL DO DOENTE

11 Fevereiro 2015 – Santuário de S. Bento da Porta Aberta – 10h30

O mundo moderno, com todas as suas pressões, quase nos obriga a aceitar os valores que a maioria impõe ou que a mentalidade comum vai sugerindo sub-repticiamente. O que os outros determinam reclama um estatuto universal. O Evangelho, por outro lado, recorda-nos que o bem ou o mal nasce na nossa interioridade e, por isso, a consciência pessoal, em fidelidade à verdade divina, deveria ser o critério que determina o valor das coisas.

Nesta perspectiva, o mundo procura fugir à realidade da dor, do sofrimento, da doença. Nascemos para ser felizes e tudo o que custa parece impedir-nos de experimentar o lado belo da vida. Só que nunca poderemos fugir totalmente a uma vida conturbada ou marcada pelo sofrimento. Daí que, também ao mundo da dor, a experiência da fé deve ocupar um lugar de destaque. É no sofrimento que verificamos se a fé é morna ou consistente, se se reduz a mero sentimentalismo ou se explicita o seu valor nesses momentos difíceis.

O Santo Padre, na sua mensagem para este dia, quis apresentar-nos a figura de Job na sua condição de doente. Sabemos como Job passou por estados diferentes. Acolhendo sempre o amor de Deus, em todas as fases da doença, os seus últimos dias foram vividos em redobrada paz e serenidade através da *sapientia cordis*, a sabedoria do coração, como recorda o Papa Francisco. É esta sabedoria do coração que faz compreender, para quem sofre, o complexo mundo da doença e, para quem trabalha com os doentes, as razões para não se cansar nem se limitar a rotinas constrangedoras. Não é a inteligência abstracta ou o pensar da maioria que nos concede a graça de viver a fé na doença ou no sofrimento. Só a sabedoria, que muitas vezes foge aos raciocínios imediatos, nos impele a acolher os momentos de graça escondidos na doença e a cuidar com ternura e carinho aqueles e aquelas que sofrem. Por isso, neste Dia Mundial do Doente, avivemos esta sabedoria do coração para que o peso das doenças se atenuie e a solicitude por parte dos profissionais ou voluntários seja mais cristã e zelosa.

Para viver a fé neste ambiente muito particular são necessários, em síntese, dois caminhos. O primeiro é indicado pelas palavras de Jesus “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.” (Mt 25, 40). O segundo



é realçado pelo Santo Padre neste Dia Mundial do Doente, invocando a experiência de Job, “Eu era os olhos do cego e servia de pés para o coxo” (Job 29, 15).

A **sabedoria do coração** permite-nos detectar as carências próprias de quem vive a doença e sugere-nos as respostas mais apropriadas em cada momento que nos permitam “ser olhos para o cego e pés para os coxos”. O Santo Padre exemplifica quatro atitudes como modo de concretizar esta disposição interior, ainda que outras possam ser descobertas. **Servir** o irmão, **estar** com o irmão, **sair de si** ao encontro do irmão, **ser solidário** com o irmão sem o julgar.

Quando me identifico com quem sofre, encontro tempo e disponibilidade para sair das minhas ocupações, que considero importantes, para estar com quem sofre, servindo-o na alegria. Com esta sabedoria do coração serei capaz, de um modo muito concreto, de seguir o itinerário das Obras de Misericórdia dando vida particularmente a duas, **visitar os enfermos e consolar os tristes**.

Não é fácil consolar nem visitar os doentes. Esta é uma arte que requer que partamos das motivações interiores que aconselham quando fazer e como o fazer. Há quem interprete esta exigência da caridade como um mero gesto de curiosidade ou simples passatempo. Isto deturpa a essência do amor aos doentes e pode ser-lhes prejudicial. Trata-se, na verdade, de uma missão sensível que exige uma atenção muito especial, não só para fazer alguma coisa **por amor**, mas para **ser amor** que oferece a quem está doente o que ele precisa e não aquilo que eu gosto ou penso ser oportuno oferecer. É uma verdadeira arte que só o coração consegue ensinar.

Job considerava-se os olhos para os cegos e os pés para os coxos. Peçamos a S. Bento da Porta Aberta, neste ano Jubilar, a graça de que em todas as comunidades paroquiais ou interparoquiais ganhe forma algum tipo de grupo sócio-caritativo com a finalidade exclusiva de ser presença efectiva junto de quem necessita de bens materiais, mas também de solicitude fraterna na doença. Se a crise nos chama a atenção para os carenciados, a caridade deve levar-nos, por sua vez, a identificar as pessoas que vivem mergulhadas na solidão e são vítimas de variadíssimas doenças. O cristão não pode instalar-se numa fé que o enclausura nas suas devoções. Os santos recordam-nos a solicitude de Deus e mostram como ela deve ser vivida pelas pessoas e comunidades.

Para que torne viável esta solicitude, é necessário ter tempo. O crente reconhece que não é dono do tempo. Pode usá-lo para muitas coisas, até para nada fazer ou fazer



mal. A fé exige que dediquemos o nosso tempo a descobrir o *próximo* nas pessoas com as quais contactamos diariamente ou pertencem a comunidades. Uma tarefa que, porventura, nos fará interromper os muitos afazeres que tempos em ordem a oferecem um pouco de conforto e paz. Hoje, como nunca, o acompanhamento é necessário e a comunidade não pode ignorar ninguém.

Isto recorda-nos a importância de um voluntariado cristão, ou seja, pessoas que por causa da fé, e em nome da mesma fé, reconhecem que a vida deve ser partilhada. Muitas vezes falta-nos o amor verdadeiro a Cristo e a alegria em ser Igreja que responde às situações embaraçosas da vida. Não seremos capazes de multiplicar os voluntários cristãos e de acolher uma formação específica para que o amor se revista de qualidade nos serviços que prestamos?

Os familiares são os primeiros a cuidar dos doentes, mas não os únicos. Sabemos como, infelizmente, há doentes abandonados por familiares muito próximos. Os hospitais mostram-nos isso e os lares ainda mais. Acontece nos dias normais e até nas festas familiares como o dia de Natal. Precisamos de mais coração para um acompanhamento amigo que não se cansa, silencioso mas solícito, sempre pronto a sacrificar-se.

O Santo Padre concede-nos, para este Santuário, uma Bênção Papal com Indulgência Plenária anexa para todo este ano e, nos próximos sete anos, nos dias de Festa deste Santuário, particularmente neste Dia Mundial do Doente. Rogo a São Bento da Porta Aberta que nos faça compreender as graças que surgem em períodos de doença e que, em Arquidiocese, sejamos capazes de considerar a Pastoral da Saúde como exigência de uma Fé Viva. Sejamos, individual e comunitariamente, os olhos dos cegos e os pés para os coxos com tudo o que a fantasia da caridade nos sugerir. Sigamos sempre a sabedoria do coração e a fé terá muitas obras.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*